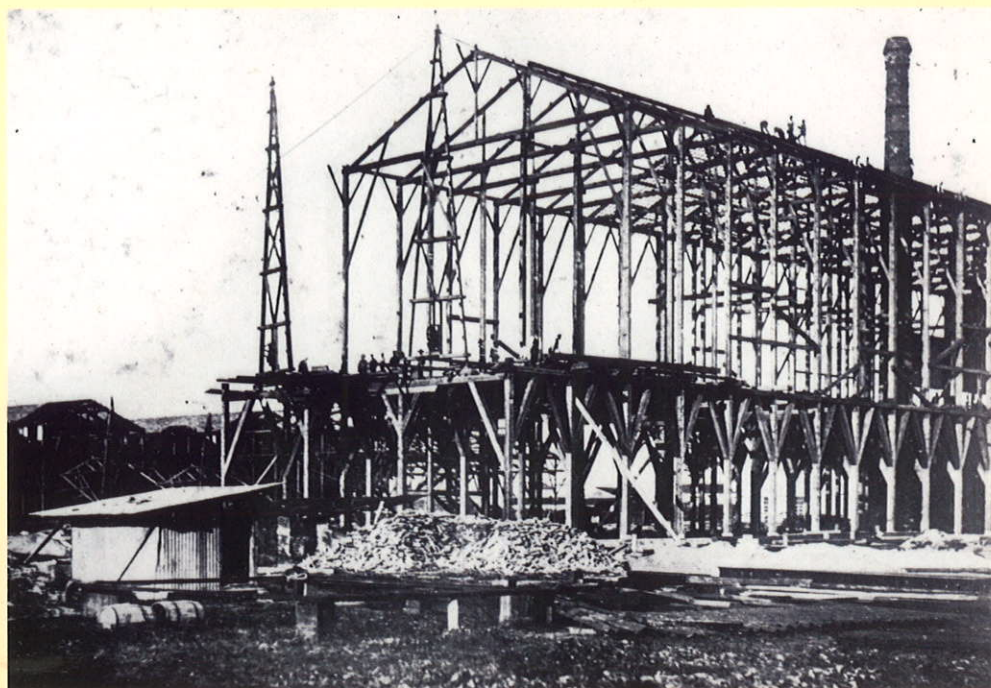


ACTAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL

INDUSTRIALIZAÇÃO EM PORTUGAL NO SÉCULO XX

O CASO DO BARREIRO




CENTENÁRIO DA CUF NO BARREIRO, 1908-2008

Coordenação

Miguel Figueira de Faria

José Amado Mendes


UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA


IIP
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
PLURIDISCIPLINAR

Ficha Técnica:

Título: *Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro*

Editora: EDIUAL - Universidade Autónoma Editora, S. A.

Rua de Sta. Marta, n.º 56

1169-023 Lisboa

Design e Composição Gráfica: Samuel Ascensão

Revisão: José Rafael Sequeira da Costa

Impressão: SerSilito-Maia

ISBN: 978-989-8191-18-2

Depósito Legal: 315204/10

28/10/2010

ACTAS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL INDUSTRIALIZAÇÃO EM PORTUGAL NO SÉCULO XX: O CASO DO BARREIRO, Lisboa, 2010

Actas do colóquio internacional industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro / Actas do colóquio internacional industrialização em Portugal no século XX - o caso do Barreiro; coord. Miguel Figueira de Faria, José Amado Mendes. - Lisboa: EDIUAL, 2010. - 476 p

ISBN: 978-989-8191-18-2

CDU 65

725.4

Índice*

Introdução

José Amado Mendes e Miguel Figueira de Faria 7

INDÚSTRIA: FACTOR HUMANO, TECNOLOGIAS E PRODUTOS

Recrutamento, carreiras e remuneração da força laboral da CUF do Barreiro, 1907-1974

Francisco Lima, Jaime Reis, Mário Centeno e Tiago Tavares 15

Gerir o crescimento empresarial – a evolução da estrutura organizativa da CUF, 1865-1975

Pedro Neves 37

Estratégia corporativa nas origens do Amoníaco Português?

Manuel Ferreira Rodrigues 59

Industrialização ou Revolução Industrial em Portugal? Uma interpretação

José Amado Mendes 75

* Dos 27 conferencistas, dois não entregaram os seus textos, a saber: Ferran Sagarra i Trias (painel 3) e Raquel Henriques da Silva (painel 4).

ARQUITECTURA E URBANISMO NA INDÚSTRIA: VILAS OPE- RÁRIAS, MOVIMENTOS SOCIAIS, PLANOS E PATRIMÓNIO

La cité ouvrière en Lorraine, une expérience française significative
Chloé Demonet et Pierre-Yves Caillaud..... 277

Las colonias industriales en Cataluña
Pere Vall Casas 287

**O bairro novo da CUF no quadro do urbanismo e da arquitectura ope-
rária promovida pela Companhia no Barreiro**
João Vieira Caldas 311

Novas indústrias, novas formas
Deolinda Folgado 325

**Industrialização - Urbanização: que relações? O caso do (ante)plano de
urbanização da vila do Barreiro (1957)**
Carlos Vieira de Faria 347

Abandono e reutilização de edifícios industriais no Barreiro
Eugénia Santos e Madalena Cunha Matos 365

A ermida de Santa Bárbara do Barreiro
Fernando Carvalho da Mota 385

DO REALISMO AO NEO-REALISMO: IMAGENS DO TRABALHO E DO OPERÁRIO NA ARTE PORTUGUESA

Realizar o Real : Trans-Real e Idiotia
Carlos Couto Sequeira Costa 415

O neo-realismo na fotografia portuguesa, 1945-1963
Alexandre Pomar..... 423

Abandono e reutilização de edifícios industriais no Barreiro

*Eugénia Santos**
*Madalena Cunha Matos***

Este trabalho pretende abordar alguma da arquitectura industrial do concelho do Barreiro, identificando edifícios com grande valor arquitectónico que se encontram em estado de abandono e outros que foram aproveitados para novos usos – valorizando-se a sua presença e a reutilização desses espaços. Procura-se ainda identificar projectos e propósitos de musealização desses espaços como meio de divulgação do espólio industrial existente.

O concelho do Barreiro possui uma vasta tradição industrial, que remonta a alguns séculos atrás. Se considerarmos desde logo a sua pré-industrialização, pode-se tomar como exemplo o Complexo Industrial (ou pré-industrial) do Vale do Zebro junto ao rio Coina, mandado construir por D. Afonso V no século xv. Estava-se em plena época dos Descobrimentos, havia necessidade de fornecer alimentos para as longas viagens marítimas e o *biscoito* era o pão das embarcações. O biscoito era uma espécie de pão que sofria várias cozeduras, de modo a perder toda a água da sua confecção, com o objectivo de aguentar as longas viagens sem se estragar. O Complexo de Vale do Zebro teve como

* Instituto Politécnico de Setúbal.

** Universidade Técnica de Lisboa.

objectivo principal o fabrico do biscoito. O documento de 1785 refere¹: *Fornos do Velezebro, onde se fabricarão os biscoutos para as armadas, Nãos da índia, Conquistas e Fortalezas do Reino*. Foi construído o que se pode chamar de uma «Fábrica»; possuía vinte e sete fornos² para cozedura em série de várias fornadas do famoso biscoito.

O Edifício da Fábrica assegurava um conjunto vasto de funções em edificações próprias:

*Pátio, Ermida, Casas do Peso, Celeiro de Trigo, Paiol para a farinha e outra para os Farelos, Casa dos Fornos com duas cercas para lenhas, Casas dos Paióis do Biscoito, Oficinas, residência do Administrador, Escriturário, Fiel e Serventes da Fábrica, bem como casas para quem vai receber o biscoito; nove casas pequenas e térreas ao serviço das pessoas pobres do serviço da mesma Fábrica; uma casa que serviu noutros tempos de cadeia, e uma outra que servia de palheiro...*³

O complexo possuía ainda de um moinho de maré, o maior da região com oito moendas, para fornecimento da farinha para a fábrica, um cais de embarque, uma zona de pinhal para fornecer a lenha dos fornos e «uma Hortinha junto à Fábrica»⁴.

O terramoto de 1755 destruiu grandemente o complexo, tendo este sido posteriormente reconstruído nessa mesma época pombalina. Desse período, resta actualmente a fachada principal do edifício da fábrica e no seu interior as galerias dos fornos⁵.

O rio Coina já tinha uma forte ligação à indústria naval na época da expansão portuguesa. Era junto das suas margens, no estaleiro da feitoria da Telha, que se finalizavam muitas vezes as naus, por existirem melhores condições marítimas e por haver abundância de madeira para a sua construção, madeira oriunda da Mata da Machada. No século XVIII, D. João V manda construir a Real Fábrica de Vidros Cristalinos de Coina. Ao longo do rio Coina, constroem-se vários moinhos de maré, entre o século XV e o século XVIII. Foram ainda construídos fornos de cal e fornos de olaria. Nos finais do século XVIII e meados do século XIX, com o aproveitamento na energia eólica, surgem os moinhos de vento. Em particular, os da zona de Alburrica proporcionam o *ex-libris* da Cidade do Barreiro.

Deste vasto património pré-industrial, já muito pouco existe; encontram-se vestígios ou ruínas, excepto no caso em que esses bens são reutilizados ou beneficiam de alguma protecção.

No caso do Complexo Industrial de Vale do Zebro, ele está integrado no espaço actualmente ocupado pela Escola dos Fuzileiros Navais, em Palhais. Do moinho de maré que dele fazia parte, resta apenas o embasamento; a caldeira encontra-se completamente assoreada. Da Fábrica de Biscoito, o terramoto de 1755, como já foi referido, destruiu grandemente o edifício, tendo este sido posteriormente reconstruído – do qual resta a fachada principal do edifício da fábrica e, no seu interior, as galerias dos fornos. O Complexo foi reutilizado pela Escola de Fuzileiros Navais, em 1961; na sequência dessa nova utilização, parte do edifício da fábrica foi transformado em museu: o Museu do Fuzileiro.

Na documentação recolhida⁶ sobre a existência de moinhos de maré do Concelho do Barreiro, foi possível constatar que existiram doze moinhos de maré (um em Coina, um no Vale do Zebro, um em Palhais, um na Telha, um em Santo André, dois na Verderena, três em Alburrica, um no Mexilhoeiro e há referências da existência de um no Cabo de Alcoitão⁷). Deste vasto património, apenas se encontra de pé o Moinho de Braamcamp, que a partir de 1897 vê o seu espaço ocupado pela Sociedade Nacional de Cortiças que ainda hoje ali permanece; dos outros, restam apenas oito que se encontram em ruínas ou apenas alguns vestígios (Coina, Vale do Zebro, Palhais, Santo André, Alburrica, e Mexilhoeiro). A quantidade de moinhos que surgiram junto ao rio Coina e dentro do Estuário do Tejo justifica-se pela proximidade do complexo de Vale do Zebro, cuja indústria do biscoito iria contribuir grandemente para a expansão dos moinhos ao longo do rio Coina e Estuário⁸.

Os moinhos de vento do Barreiro começaram a surgir nos finais do século XVIII e meados do século XIX, com a necessidade aumentar a produção de farinha, resultante do aumento populacional. A construção de mais moinhos de maré obrigava a condições muito especiais, tanto de localização como de dimensão, e os novos moinhos, movidos com recurso ao vento, revelaram-se muito mais económicos. Documentação aponta para que tenham existido onze moinhos «[...] ao longo da costa fluvial barreirense (Recosta, Alburrica, Mexilhoeiro, Praia Norte e Praia do Lavradio) [...]»⁹.

Dos moinhos de vento que existiram no Barreiro, a maioria tinha apenas um piso, dois tinham dois pisos e dois tinham quatro pisos (Moinho Gigante e Moinho do Jim).

Actualmente, desse património, só existem quatro moinhos, três em Alburrica (sendo um deles o Moinho Gigante) e um na Av. Bento Gonçalves (Moinho do Jim). Foram desactivados no século XX; o Moinho do Jim ainda chegou a ser habitação. Os moinhos de vento do Barreiro foram adquiridos pela respectiva Câmara Municipal e beneficiam da sua protecção.

O grande desenvolvimento industrial no Barreiro fez-se com a sua ligação ao Sul do país com a introdução do caminho-de-ferro em 1859, e com ele surgiu o desenvolvimento da indústria corticeira, que proporcionou o transporte de grandes quantidades da matéria-prima – cortiça –, vinda do Sul do país. No final do século XIX, o Barreiro tornou-se num importante centro corticeiro, e esta indústria fez desencadear a migração de famílias inteiras vindas do Sul.

No final do século XIX, o Barreiro possuía quatro fábricas de preparação e exportação de cortiça em grande escala¹⁰.

Desse património, prevalece hoje o edifício do antigo refeitório da Fábrica de Cortiça do Granadeiro que foi a maior e mais bem equipada da região¹¹; resta ainda a sua chaminé, e o edifício, que foi refeitório funciona como pólo cultural da C. M. Barreiro no Parque da Cidade.

A instalação dos caminhos-de-ferro e as suas oficinas veio dar origem à criação de muitos postos de trabalho. Com a necessidade de fixar os operários junto das oficinas, foram construídas casas operárias.

O *terminus* ferroviário do Barreiro possui um vasto património: estações, oficinas, armazéns, rotunda das locomotivas, casas operárias, não contando ainda com o diverso material e equipamento ferroviário. A velha estação foi construída em 1861; mais tarde veio a ser substituída por outra por não ter cais de embarque. Os utentes tinham que andar da antiga estação cerca de dois quilómetros a pé até à praia do Bico do Mexilhoeiro, para fazer transbordo para o barco. O edifício da antiga estação conserva as suas características arquitectónicas originais. Grandiosa fachada, com sessenta e cinco metros de largo, rasgada por dezasseis grandes vãos de portas e janelas¹², ostenta ainda um exuberante frontão triangular com um grande relógio central. O acesso ao edifício faz-se por uma escadaria de pedra que dá para um terraço com gradeamento em ferro fundido. Com a desactivação da estação, esta foi anexada às oficinas, construídas em 1932/33, segundo projecto do engenheiro Duarte Pacheco. A antiga estação é actualmente um espaço ocupado por escritórios e direcção da EMEF (Empresa de Manutenção de Equipamento Ferroviário).

A Rotunda das Locomotivas a vapor (antiga cocheira de locomotivas) servia para combinar a orientação das locomotivas e colocá-las na via adequada. Todas as vias confluíam para a placa giratória e esta por sua vez conectava para o depósito de vias da estação; este é assim outro património de assinalável valor arquitectónico. Trata-se de um valioso espaço ferroviário do Barreiro; será certamente dos poucos espaços deste tipo que ainda se encontram em Portugal. Foi construído em 1886 e tinha capacidade para vinte carruagens. Hoje encontra-se desactivado.

O edifício (designado localmente como depósito de peças), que se encontra junto à antiga rotunda, também possui características arquitectónicas muito interessantes, e parece estar destinado à ruína. Servia para armazenagem de peças para a rede ferroviária do Sul. Grande edifício de planta rectangular, rasgado por vários vãos de janelas em arcos perfeitos, ostenta um corpo central de dois pisos. Actualmente encontra-se desactivado e apresenta-se muito degradado.

As oficinas, embora muitas máquinas já não funcionem, continuam a laborar.

Fora do espaço da antiga estação e das oficinas, surge ainda um antigo armazém de CP igualmente interessante a nível arquitectónico. Este edifício serviu para cargas e descargas da CP e hoje funciona apenas como armazém da SOFLUSA.

Os Caminhos-de-Ferro do Sul e Sueste possuíam ainda um quartel de bombeiros – a Associação de Bombeiros Voluntários Sul e Sueste. Actualmente o quartel já não pertence aos caminhos-de-ferro; só o edifício pertence à RE-FER. Os Bombeiros mudaram-se para o parque industrial da Quimiparque, não se prevendo outra ocupação para o edifício.

A nova estação que veio substituir a anterior foi construída em 1884, com projecto do engenheiro Miguel Pais e possui cais de embarque para os barcos que fazem ligação a Lisboa. O edifício tem características neomanuelinas, com decoração de temática vegetalista e marítima. A gare de embarque comporta uma estrutura inovadora para a época em que foi construída, com ferro e vidro colorido.

Deste vasto património há ainda de destacar o antigo Bairro Ferroviário construído no Largo do Palácio de Coimbra, em 1935, para operários e pessoal graduado. Até 1958 foram construídas um total de vinte e três moradias. Apresentam uma arquitectura simples, regionalista, um só piso, planta quadrangular, cobertura de quatro águas, beirado à portuguesa e possuem um pequeno quintal. As que tinham entrada principal para o Largo destinavam-se ao pessoal graduado e, as que davam para as traseiras, ao pessoal com categoria inferior¹³. As moradias do pessoal graduado têm os vãos das portas e janelas rematados por um friso em alvenaria pintado com soco igualmente pintado, a porta é de madeira pintada e encontra-se centrada em relação à fachada. O acesso faz-se por uma pequena escadaria ladeada com canteiros de flores. O interior possui três divisões e uma casa de banho; tem ainda uma porta para o quintal. As moradias do pessoal braçal apresentam uma decoração mais humilde; têm apenas uma

porta e uma janela, a nível interior possui o mesmo número de divisões mas a casa de banho fica no exterior.

Da arquitectura industrial do Barreiro, destacamos ainda o edifício da antiga Central Eléctrica situado na Av. do Bocage, em Verderena. Vamos encontrá-lo no meio de uma zona habitacional. Trata-se de um edifício de um só piso e planta rectangular; rasgado por grandes vãos de janelas e possui um espaço nas traseiras com anexos. Na fachada central, a entrada encontra-se centralizada com um vão encimado com um arco de volta inteira. Foi a primeira Central Eléctrica do Barreiro, construída em 1926¹⁴. O Edifício pertence à EDP, encontra-se à venda, não se prevendo outro destino para o edifício.

Em 1945 foi construída a Escola Comercial e Industrial Alfredo da Silva. A sua construção deveu-se ao desenvolvimento industrial no Barreiro, no sentido de formar operários qualificados. O edifício possui três pisos, apresenta uma arquitectura simples mas funcional. Trata-se de um complexo escolar muito bem equipado, grandes áreas interiores e bons espaços laboratoriais.

A figura 2, em anexo, faz uma síntese dos principais edifícios estudados no Barreiro, fora do complexo industrial da Companhia União Fabril (CUF) e que sofreram alterações e novas funções.

Barreiro vê o auge do seu desenvolvimento industrial com a instalação da Companhia União Fabril - CUF (1908)¹⁵. Alfredo da Silva foi o primeiro grande industrial português. Escolheu o Barreiro, uma pequena vila à beira Tejo, para construir o mais importante complexo industrial químico do século xx. Passados cem anos de todo um património industrial construído, é altura de olhar para o que ficou e o que mudou de algumas construções que foram construídas em todo o complexo.

Para este trabalho seleccionou-se um conjunto de edifícios que despertaram interesse por razões diversas: uns pela sua arquitectura, outros pela sua história e outros pelas constantes mutações de que foram sujeitos (Figuras 3, 4 e 5 em anexo).

Alfredo da Silva cria no Barreiro o que se pode de qualificar de grande complexo industrial. Também aqui prevalece uma certa política «social» da companhia, no sentido de atrair e fixar pessoal, oferecer uma série de condições com vista à promoção da estabilidade familiar e de emprego, contribuindo ainda para o desencorajar de conflitos laborais. E assim constrói várias unidades de apoio: habitações, um lavadouro público com depósito de água privativo, uma carvoaria, uma moagem de trigo, uma padaria, um supermercado, refeitórios, uma academia recreativa e musical, uma creche e uma escola primária.

Actualmente, muitos desses serviços de apoio desapareceram e outros foram ocupados por empresas de comércio e serviços. Algumas das antigas habitações operárias têm também vindo a mudar o seu uso. Do vasto património edificado pela CUF, já pouco resta. Mesmo assim, ainda podemos destacar alguns edifícios: a Casa da Cultura, o Clube de Empresas e o edifício da Torre do Relógio. Contudo, há ainda alguns espaços industriais cuja arquitectura é igualmente de grande interesse e aparece perdida e abandonada no espaço, não estando assegurado o seu futuro.

Antigo Posto Médico - Data das primeiras construções do complexo. Foi o posto médico do complexo; disponibilizava várias especialidades para os funcionários da CUF, tinha maternidade e até uma farmácia. É um edifício de uma arquitectura sóbria, de planta quadrangular, com dois pisos e um claustro no interior que iluminava os corredores de acesso aos gabinetes médicos. Possui grandes vãos de janelas a toda a volta, janelas bem aparelhadas em cantaria, soco e platibanda na cobertura. Actualmente encontra-se vazio e muito degradado e não tem futuro previsto.

Casa Museu - Também foi das primeiras construções do complexo. O edifício inicialmente tinha apenas um piso para escritório, mas depois pela necessidade do industrial Alfredo da Silva ter que pernoitar quando vinha ao Barreiro, o edifício foi alterado com mais um piso para habitação. Actualmente e desde os anos 90 do século anterior, todo o edifício passou a museu e muito do espólio da antiga Fábrica Sol em Alcântara foi para a casa museu, como o seu escritório e muitos dos seus objectos pessoais.

Existem ainda desenhos com as alterações de que o edifício foi alvo¹⁶, com as alterações para um segundo piso. No entanto, o edifício sofreu posteriormente outras alterações, ao nível interior e da fachada principal.

Edifício da GNR, como é hoje conhecido – inicialmente também como a casa-museu, destinou-se apenas para escritórios; depois serviu para instalações da GNR na década de 40 do século xx e foi ampliado. A arquitectura exterior apresenta-se como a original; no entanto, a caixilharia foi substituída; o desenho dos vãos é o mesmo, rematados com uma moldura em arco de tijolo burro. Actualmente encontra-se vazio; já não tem a laje do primeiro andar, está muito degradado e não tem futuro previsto.

Edifício do Grupo Desportivo - Este edifício foi a antiga sede do grupo desportivo da CUF. Encontra-se localizado junto ao antigo Bairro Operário da CUF, que entretanto foi demolido; o edifício apresenta uma arquitectura diferente da inicial, com linhas mais modernas; o número de vãos mantém-se; foi acrescentada uma varanda sobre pilares na fachada principal.

Depois de passar para a posse da Quimiparque, foi alugado a uma comunidade cristã como centro de culto.

Casa da Cultura - A casa da cultura foi construída para cinema e chegou a ser uma das melhores casas de cinema de Setúbal. Também foi usada para ginásio do grupo desportivo. Trata-se de um edifício com linhas da arquitectura moderna, construído em pleno Estado Novo. Hoje é usado quando requisitado por empresas para espectáculos.

Palácio Alfredo da Silva - Foi-lhe dado este nome após ter passado para a administração da Quimiparque. Era o edifício da messe; o rés-do-chão servia os quadros superiores, e no primeiro andar os quadros técnicos da empresa. Hoje o rés-do-chão é um espaço do tipo Clube dos empresários; é requisitado por estes para almoços ou jantares de negócios. Por cima, o primeiro andar está alugado para restaurante. O edifício apresenta uma planta quadrangular e uma arquitectura de linhas simples. O interior é rico ao nível de acabamentos, tectos trabalhados em madeira, azulejos nas paredes, e lareiras bem decoradas.

Edifícios dos Balneários e da Despensa - Datam do início das construções do complexo; trata-se de edifícios de um piso. O conjunto em planta forma um L, a arquitectura é simples, os vãos estão enquadrados em panos de tijolo à vista. Um dos corpos seria o edifício dos balneários, e outro a despensa, servindo de mercearia. Hoje estão ocupados por um infantário e escritórios.

Padaria e Moagem - O edifício de dois pisos com uma torre lateral foi construído para moagem; o edifício possuía os mecanismos da moagem, a torre tinha dois silos para os cereais. O edifício lateral, só de um piso, era a padaria onde havia dois fornos para cozer o pão.

Hoje a antiga moagem é ocupada por uma discoteca, e a padaria é uma central de distribuição dos correios.

Escola Primária - Na altura em que foi construída apresentava uma planta em forma de U, com entrada central e rasgado com grandes vãos de janelas. O edifício sofreu várias alterações posteriores¹⁷, passou a ter uma planta rectangular, e numa outra fase passou a ter mais um piso.

Ao nível de ocupação também esta sofreu alterações: primeiro foi escola primária, depois foi escola da CERCIM e em 1999 foi ocupada pela Escola Superior de Tecnologia do Barreiro do Instituto Politécnico de Setúbal. Hoje funcionam nesta antiga escola serviços da Câmara Municipal do Barreiro.

Torre do Relógio - A torre do relógio é um edifício com uma arquitectura regionalista. A planta tem uma forma quadrangular; a entrada principal é encimado por um painel de azulejo azul e branco com um anjo, onde se pode ler a data de 1928. No cimo da torre, em todas as faces, há um relógio; estão

enquadrados em molduras em pedra, que sobressaem na pintura do edifício. Rematando o conjunto, a toda a volta dos relógios, existe uma cimalha também ela sobrepujada por telha canudo. No cimo, as paredes estão rasgadas por vãos rectangulares por onde outrora saíam cabos telefónicos. Foi nesta torre instalada a primeira central telefónica automática em Portugal. A torre termina numa cobertura em cúpula de quatro águas.

Actualmente o edifício está desactivado, mas encontra-se em óptimo estado de conservação, fazendo parte do património histórico protegido pela Quimiparque.

Laboratório Químico - O edifício do laboratório fica entre a torre do relógio e o edifício da antiga escola primária, possui planta rectangular, um só piso e grandes vãos. O laboratório continua com a sua actividade de laboratório, agora aberto ao exterior; faz análises da qualidade das águas.

Edifício do Refeitório 1 - Planta com forma rectangular, pé-direito alto e grandes vãos de janelas. O edifício foi alterado – foi aumentado lateralmente com um zona de balneários para adaptação à função que hoje ocupa. Hoje, o espaço é ocupado por um moderno ginásio; pela altura do pé-direito foi possível fazer um piso intermédio em *mezannine* com formato em U aberto para a zona central. O edifício é o mesmo; a fachada principal está alterada, revestida com um enorme painel publicitário do ginásio.

Edifício do Refeitório 2 - Trata-se de um edifício de planta rectangular, junto à rua da CUF, rasgado com grandes vãos. Com o desnível do terreno onde está implantado, o seu rés-do-chão fica semienterrado. No rés-do-chão funcionava o refeitório 2 e a entrada fazia-se lateralmente. A entrada para o piso superior realizava-se pela rua de cima que fica ao seu nível; aqui funcionava uma espécie de supermercado, onde era possível comprar electrodomésticos, bem como transportes pessoais, tais como motas ou mesmo automóveis.

Hoje funciona uma papelaria; o rés-do-chão é o seu armazém e o segundo piso a loja.

Edifício do Refeitório 3 - Data da década de 50, planta rectangular, linhas modernas, amplas janelas, rebocado e pintado. O acesso faz-se através de duas portas, uma em cada extremidade na fachada principal.

Actualmente o velho refeitório é um espaço repartido por várias empresas, com espaços interiores modernos e adaptados às novas funções. No exterior, a fachada mantém-se mas o edifício foi ampliado para as traseiras.

Edifício de Escritórios - Fica próximo do antigo edifício do refeitório 3, construído na mesma época; planta rectangular, dois pisos, amplas janelas de caixilharia idêntica ao do outro edifício. Contudo, é mais pequeno e ao nível

de revestimento é diferente: o edifício de escritórios está revestido a tijolo e a entrada é centrada em relação a fachada principal. Mantém a volumetria inicial, bem como as funções de escritórios de uma empresa.

Refeitório 4 - Era conhecido como refeitório da zona têxtil, porque servia o pessoal das fábricas têxteis – foi construído da década de 60/70. Apresenta-se uma arquitectura moderna de planta em L num gaveto em forma de trapézio. Edifício de dois pisos ritmado por vãos rectangulares, alinhados, com dimensões e espaçamentos iguais.

Em Outubro de 2008 o velho refeitório encontrava-se em obras para ser sede da nova esquadra da polícia do concelho do Barreiro, o que ocorreu em Janeiro de 2009.

Bairro Operário em St.^a Bárbara - Construído em 1932, foi o segundo bairro a ser construído para os trabalhadores da CUF. Trata-se de blocos de moradias em banda, de um só piso com pátio interior. Eram compostas por dois quartos, uma sala, uma cozinha e uma pequena casa de banho. Actualmente esses espaços estão diferentes, aumentaram-se as casas de banho e criaram-se junto ao pátio zonas de arrumos. A arquitectura é tradicional, vãos com molduras em reboco pintadas e soco em reboco também ele pintado. Os vãos têm por cima uma cimalha em arco rematada com telha de canudo.

Actualmente, à medida que vão sendo desocupadas as casas, a Quimiparque – Parques Empresariais, S. A.¹⁸, modifica as velhas habitações para pequenos espaços de comércio e serviços.

Moradias dos Engenheiros - Foram construídas na fase de ampliação do bairro operário e tinham como objectivo a habitação para quadros superiores. O projecto é do arquitecto Cristino da Silva e data de 1945. Trata-se de treze moradias unifamiliares inseridas na malha do bairro; doze eram geminadas e só uma isolada. A arquitectura de traça «regionalista», com beirais e cimalkhas, arcos e janelas com cantarias bem aparelhadas.

As moradias são actualmente ocupadas por comércio e serviços.

Novo Bairro Operário - Foi construído a sudeste do anterior. Houve um projecto inicial, mais ambicioso, que ocupava uma grande área com mais moradias e blocos habitacionais de cinco pisos, com projecto de Cristino da Silva¹⁹.

O sítio escolhido foi um terreno atravessado pela via-férrea, terrenos da CUF, com uma extensão que ocupava os 12,6 hectares, num local denominado Quinta da Fonte. No entanto, para o projecto previsto, era necessário adquirir mais terreno para viabilizar o projecto. O novo bairro teria uma capacidade para 700 fogos, seria ocupado por quadros superiores, encarregados, capatazes

e operários. Do projecto de Cristino da Silva foram construídos apenas quatro blocos de edifícios de cinco pisos a Sul da estação.

A norte, na Quinta da Fonte, hoje conhecida pelo Bairro dos Engenheiros, foram construídas moradias mas cujo projecto já não é de Cristino da Silva²⁰.

Mausoléu de Alfredo da Silva - Construído em 1944, encerra os restos mortais do industrial. O projecto é de Cristino da Silva. Arquitectura austera, do Estado Novo, simboliza um pouco a força e o poder do industrial. O monumento é todo em granito com doze metros de largo por sete de altura; está assente numa base circular e ao centro tem uma pirâmide truncada. Lateralmente e fazendo parte do conjunto, encontram-se dois corpos paralelepípedos com baixos-relevos da autoria de Leopoldo de Almeida.

Pavilhão Desportivo - Construído no ano de 1965, a sul do complexo industrial. O pavilhão desportivo insere-se num projecto inicial de um grande complexo desportivo previsto para o local. Esse projecto, para além do recinto principal de jogos de futebol, previa entre outras coisas: Sede Administrativa, Salão de Festas e Recreio, Ginásio, Pavilhão de Desportos, Piscina coberta e outra descoberta, Auditório coberto, campos descobertos para Ténis, Basquetebol e Voleibol, Stand de Tiro Desportivo, Campo para Ténis de Competição, Pistas de Atletismo e Ciclismo, Campo de Treino para Futebol e Parque de Campismo. Ainda estava prevista a ampliação do Campo de Futebol para uma maior capacidade. No final foi apenas construído o Pavilhão, um Campo de Futebol e Campos de treino.

Museu Industrial e Centro de Documentação – Tratava-se da antiga Central Diesel, edifício dos anos 30. Após a sua desactivação, foi transformado e adaptado a museu em 2004. O projecto de alteração da arquitectura é da autoria do arquitecto Mário Varandas Monteiro e o projecto de musealização ficou ao cargo do historiador António Camarão. O edifício apresenta uma arquitectura com linhas modernas com vãos em tijolo de vidro de grandes dimensões, permitindo um espaço interior cheio de luz. No interior mantém-se a estrutura metálica original de pilares e asnas. Anexaram-se ao espaço museológico dois edifícios: um para serviços do museu (recepção, instalações sanitárias, sala de exposições temporárias, loja e pequeno auditório e, nos dois pisos superiores, um pequeno centro de documentação, sala de leitura e instalações sanitárias). O outro edifício anexo foi adaptado já numa fase posterior, que teve como objectivo a ampliação do museu, aproveitando um antigo pavilhão e armazém de peças. Reutilizou-se o edifício para criar outro núcleo museológico. As obras

foram realizadas em três fases, sendo a última em Dezembro de 2006, com a ampliação do museu²¹.

No museu, é possível observar um espólio constituído por vários equipamentos industriais do complexo – um espaço com acervo documental e iconográfico considerável.

Edifício da ÁQUATRO – Foi construído em 1959 para departamento de projectos do complexo. Acolhia engenheiros, desenhadores e fotógrafo e possuía vários gabinetes de projectos, laboratório fotográfico, arquivos, etc. Edifício de planta em U com uma arquitectura de traça dos anos cinquenta.

Actualmente o edifício serve apenas de arquivo e contém um imenso espólio de desenhos, fotografias e negativos. O antigo departamento tem agora o nome de ÁQUATRO – Gabinete de Projectos e Engenharia; funciona em Alverca e pertence ao grupo CUF, trabalha para o grupo mas também para o exterior, contudo perdeu toda a dimensão que tinha anteriormente.

Antigos edifícios de escritórios em tijolo burro - Estão situados na primeira zona de ocupação do complexo e fazem parte das primeiras construções; têm planta rectangular e um só piso. Actualmente estão a ser usados: um como ateliê de artista plástico, e outro, como arquivo também da ÁQUATRO.

«Comboio» - Outro edifício com uma arquitectura particularmente interessante é o chamado «comboio». Segundo consta na documentação de ocupação do complexo²², tratava-se de um edifício de oficinas eléctricas e de chumbeiros e armazém; no entanto há igualmente informação de ter tido uma utilização para escritórios. O piso superior tem como característica um enorme corredor separado por divisórias em madeira, de muito boa qualidade: este piso lembra, de facto, o interior de um comboio, com o corredor de acesso às várias cabines. Todo o edifício é em tijolo burro; os vãos superiores têm um desenho diferente do piso térreo e o acesso ao piso superior é lateral. Esse segundo piso poderá ter sido uma alteração ao original e pela sua configuração, seria certamente ocupado por escritórios. Actualmente está abandonado e não se prevê nova ocupação.

Antiga Central a Vapor – Data dos anos 40/50 do século xx. Trata-se de um edifício de grandes dimensões, parece composto por três corpos anexados; possui uma altura superior a três pisos. As potencialidades das dimensões e seus espaços interiores facilitaram o aproveitamento para as novas funções actuais.

Antiga Central a Vapor 2 - Construída nos anos 60 do século xx, edifício de uma arquitectura dessa época, ritmada por cheios e vazios, com planta rectangular. Hoje funciona como empresa de tratamento de lixo farmacêutico.

Antigas Fábricas Têxteis - Edifícios de um só piso mas ocupando grandes áreas, com cobertura em dente de serra possibilitado a iluminação zenital.

Actualmente essas antigas e grandes fábricas foram rasgadas por ruas e divididas em vários espaços de aluguer para novas empresas. Há um edifício de que não foi possível aproveitar todo o espaço. Construiu-se um novo edifício, mantendo a mesma volumetria e filosofia de ruas como nos anteriores, — contudo apresenta-se como arquitectura actual.

Caldeiraria e Silo de Sulfato de Amónio - Trata-se de dois antigos espaços industriais, de grandes dimensões, um antigo silo e uma caldeiraria, agora transformados em grandes superfícies comerciais. O silo data de 1952 e encontra-se inventariado pelo IPPAR como arquitectura industrial moderna.

Pavilhão de Ensaio dos Bombeiros da CUF - A companhia, no início da construção das suas fábricas, possuía uma corporação de bombeiros privativos da CUF. Ainda hoje existe um quartel de bombeiros no complexo. Mas neste caso, o antigo edifício passou para escritórios e da antiga corporação apenas sobra um velho pavilhão de ensaios, que aparece abandonado no espaço da antiga zona das primeiras construções. É um pavilhão com características muito particulares, fazendo lembrar um prédio de vários andares, com as suas janelas e varandas, cobertura de duas águas; todo ele encontra-se construído em madeira. Está abandonado e não tem futuro assegurado.

Silo de Enxofre - Data de 1960, construído em betão armado com arcos parabólicos, possuindo iluminação zenital. Encontra-se inventariado pelo IPPAR, foi vendido à SECIL e não se prevê que tipo de ocupação terá.

Fábrica de Zinco - A sua construção acabou por ser uma má aposta, segundo a empresa, na extracção de zinco. A fábrica viria a encerrar muito cedo. Hoje apresenta-se como um esqueleto junto ao estuário. O edifício apresenta uma arquitectura interessante, no entanto a viabilidade de ser aproveitado torna-se difícil e dispendiosa. Trata-se de um edifício com uma estrutura de betão de grandes dimensões, dificilmente adaptável a outro espaço.

Loteamento Industrial - Actualmente a Quimiparque disponibiliza um loteamento industrial com edifícios para armazéns, comércio ou serviços. Os edifícios apresentam uma arquitectura moderna, ocupando grandes áreas. Exteriormente são revestidos com painéis decorados com temas da natureza.

As figuras 3, 4 e 5 em anexo resultam de uma síntese dos edifícios estudados do complexo industrial e que sofreram algumas alterações ao nível de ocupação.

Conclusões

A proto-indústria no Barreiro construiu unidades económicas de extrema importância na altura em que foram edificadas. No caso dos moinhos de maré, a sua presença foi muito marcante em todo o Estuário. No Barreiro, a maioria deste património tende a desaparecer por falta de protecção.

Na época das indústrias no Barreiro, o Concelho foi marcado por várias unidades fabris com sólidas estruturas, ocupando grandes áreas, algumas com qualidade arquitectónica e dispondo de espaços interiores de grande potencialidade para nova utilização. Muitas dessas unidades utilizaram uma linguagem moderna na sua concepção e construção que só agora está a ser valorizada.

A Quimiparque tem feito um trabalho de salvaguarda de muito deste património, voltando a utilizá-lo com outras funções. No entanto, alguns edifícios pelo seu pouco valor comercial, estão a cair em abandono e conseqüente ruína.

Os Bairros Operários marcaram uma época, revelando qualidade arquitectónica. Julga-se que deverão fazer parte do tecido urbano mantendo as suas características habitacionais, sem serem exclusivamente transformados em empresas de comércio e serviços.

Grandes indústrias desenvolveram-se nesta margem do Estuário e chegavam a empregar famílias inteiras. Algumas com preocupações sociais de modo manterem as famílias junto das suas unidades produtivas, criando para tal, creches, escolas, clubes associativos e até bairros habitacionais.

Hoje essas grandes áreas industriais encontram-se em constante mutação, com a desactivação, demolição e a conseqüente venda dos seus terrenos para diversos fins. Restam contudo alguns testemunhos desse impressionante passado; é possível ainda observar algumas edificações cujas autarquias e/ou instituições particulares insistem em preservar.

As potencialidades destes espaços para reutilização são variadas, sobretudo pelas grandes áreas que ocupam. A sua arquitectura, bem como os materiais utilizados, viriam a caracterizar grandemente a arquitectura do século xx. A sua reutilização perpetua a sua presença, contribuindo para a história e a vitalidade da região.

Palavras-chave: arquitectura, património industrial, re-uso de espaços industriais.

Notas

- ¹ «Regimento dos Fornos de Valedcebro», in «Systemas ou Colecção dos Regimentos Reas», Tomo Terceiro, 1785, p. 339, Obra citada in Nabais, António, *Património Industrial - Moinhos de Maré*, C. M. Seixal, 1986, p. 29.
- ² C. M. Barreiro, *Acervos Museológicos do Barreiro. Percurso de uma identidade*, ed. Barreiro: C. M. Barreiro, 1999, p. 12.
- ³ *Um Olhar sobre o Barreiro* – Número especial – *História dos Moinhos do Barreiro*, n.º 2, III Série, Novembro 1993, Revista não periódica, p. 31.
- ⁴ *Ibidem*.
- ⁵ in: http://www.jf-palhais.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=29&Itemid=41. Consulta a 15 de Setembro de 2008.
- ⁶ Obra referenciada em 3.
- ⁷ In Carta Topográfica Plano Hidrográfico do Porto de Lisboa, de Filipe Folque, in obra referenciada em 3, p. 5.
- ⁸ In Nabais, António, *Património Industrial - Moinhos de Maré*, C. M. Seixal, 1986, p. 29.
- ⁹ Obra referenciada em 3, p. 37-46.
- ¹⁰ In Viena, Maria Alfreda Cruz, «A Industria Corticeira da Margem Sul do Estuário do Tejo: Perfil e problemática de uma industrialização regional.» Artigo apresentado na Conferência Internacional sob o tema: *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, 13 a 17 Abril de 2000, Ecomuseu Municipal do Seixal.
- ¹¹ In Inventário do Património Imóvel do Concelho do Barreiro, ed. Barreiro: C. M. Barreiro, 1999, p. 53.
- ¹² *Idem* 11, p. 45.
- ¹³ *Idem* 11, p. 49.
- ¹⁴ *Idem* 11, p. 51.
- ¹⁵ *Companhia União Fabril - Cinquenta Anos da CUF no Barreiro* -, Lisboa, CUF, 1958.
- ¹⁶ É possível verificar as alterações de que foi alvo no arquivo da ÁQUATRO - Gabinete de Projectos e Engenharia.
- ¹⁷ *Idem* 16.
- ¹⁸ A Quimiparque é uma empresa criada há 17 anos que tem como função a gestão de parques empresariais.
- ¹⁹ Rodolfo, João, *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*, Lisboa Publicações D. Quixote, 1.ª edição, Abril de 2002, p. 144.
- ²⁰ *Idem*, p. 204-208.
- ²¹ In Monteiro, Mário Varandas, «Museu Industrial - Quimiparque - Acervo de um património da Industria Portuguesa do séc. XX» - artigo apresentado no Resumo das comunicações do Colóquio internacional: *Industrialização em Portugal no Século XX - O caso do Barreiro* - 8 - 10 de Outubro de 2008.
- ²² Obra referenciada em 15.

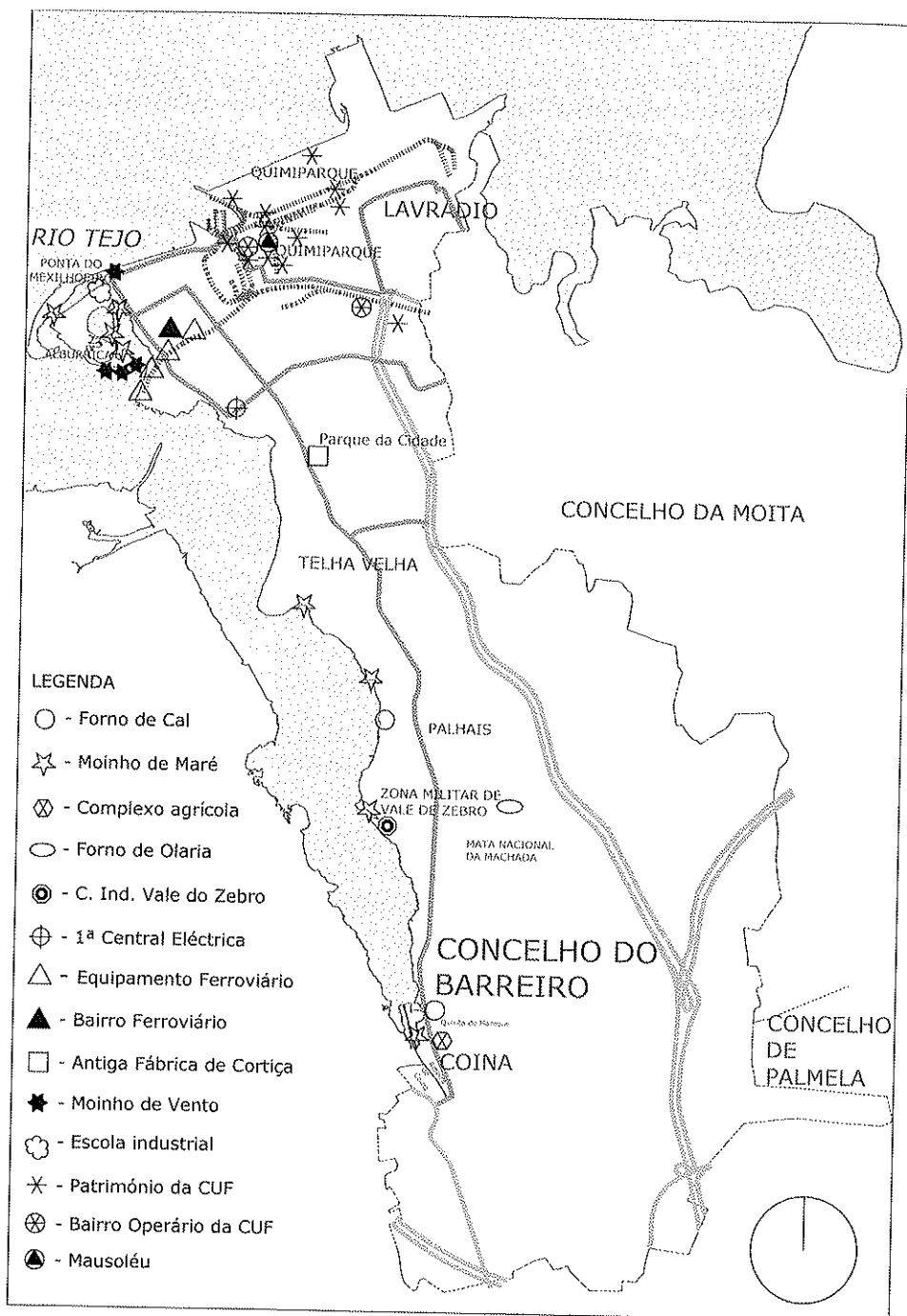


Figura 1 – Planta de localização dos principais equipamentos estudados no concelho do Barreiro













Edifício		Função Inicial	Outras Funções	Função Actual
	Fábrica do Biscoito séc. XV Complexo do Vale do Zebro - Palhais	Fábrica do Biscoito	-	Escola Naval/Museu
	Estruturas Agrícolas, início do séc. XX - Coina	Estruturas agrícolas e habitação	-	Desactivado. Pertence à empresa de construção António Xavier de Lima
	Moinho de Maré Pequeno séc. XVIII Alburrica	Moinho de Cereais	-	Em ruína. A C.M.B. quis comprá-lo para espaço de exposições
	Moinho de Maré Braamcamp séc. XVIII Alburrica	Moinho de Cereais	-	Armazém da Sociedade Nacional de Cortiças
	Moinho de Vento do Jim séc. XIX Alburrica	Moinho de Cereais	Habitação	Desactivado. Pertence à C.M.B.
	Refeitório da Fábrica de Cortiça do Granadeiro 1920/1930	Refeitório	-	Espaço cultural do Parque da Cidade
	Antiga Estação dos Caminhos-de-ferro 1886	Estação	-	Escritórios das Oficinas dos Caminhos-de-ferro
	Rotunda das Locomotivas 1886	Cocheiras	-	Desactivada
	Depósito de Peças da CP Finais do séc. XIX	Armazém	-	Desactivado. Muito degradado e sem fim previsto
	Cargas e Descargas da CP Finais do séc. XIX	Cargas e descargas	-	Armazém da SOFLUSA
	Bombeiros Voluntários Sul e Sueste Início do séc. XX	Quartel	-	Os bombeiros foram para a Quimiparque. O edifício pertence à REPER e não tem futuro previsto
	Companhia Industrial do Bonfim 1926	Central Eléctrica	-	Desactivada. O edifício encontra-se à venda

Figura 2 – Síntese das funções associadas aos equipamentos estudados no concelho do Barreiro

Edifício	Função Inicial	Outras Funções	Função Actual	
	Posto Médico 1907-1917	Posto Médico	-	Desocupado e muito degradado
	Casa Museu Alfredo da Silva 1907-1917	Escritórios	Ampliação do 2º piso para residência ocasional	Museu
	Edifício da GNR 1907-1917	Escritórios	Quartel da GNR	Desocupado e muito degradado interiormente
	Sede do Grupo Desportivo da CUF 1918-1927	Casa de Recreio e Escola	Filarmonia e Sede do Grupo Desportivo. Sede do Sindicato dos trabalhadores da Quimigal	Espaço de culto
	Casa da Cultura 1948-1957	Cinema e Ginásio	Armazém após o 25 de Abril. Cinema aberto ao público	Hoje é requisitado para eventos de empresas
	Edifício da Escola 1938-1947	Escola Primária	Escola da CERCIM. Escola Superior	Serviços da C. M. do Barreiro
	Despensa 1907-1917	Despensa (mercearia)	Escritórios	Infantário
	Palácio Alfredo da Silva 1948-1957	Messe R/C - pessoal superior 1º Andar - quadros técnicos	-	R/C - Clube de Empresas. 1º Andar - Restaurante
	Refeitório 1 1938-1947	Refeitório	-	Ginásio
	Refeitório 2 1938-1947	Refeitório	Supermercado no R/C	Papelaria: R/C - armazém 1º andar - loja

Figura 3 - Síntese das funções associadas aos equipamentos estudados no Complexo Industrial da Quimiparque no Concelho do Barreiro


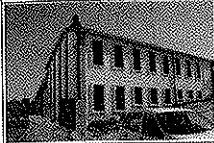




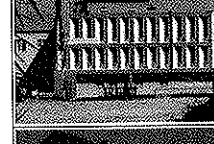


Edifício	Função Inicial	Outras Funções	Função Actual	
	Refeitório 3 1948-1957	Refeitório	Empresa de Engenharia e Telecomunicações (NOXITEL)	O espaço está dividido para várias empresas
	Refeitório 4 1968-1974	Refeitório	-	Sede da Polícia do Barreiro
	Bairro Operário 1932	Habitação	-	Habitação e quando desocupadas passam a ser ocupadas por empresas
	Moagem e Padaria 1907-1917	Moagem e padaria	-	Moagem - Discoteca Padaria - Centro de distribuição dos correios
	Moradias dos Engenheiros 1945-1947	Habitação	-	Empresas, centros de formação, infantários, etc.
	Central Diesel 1928-1937	Central para produção de energia	-	Museu Industrial
	Edifício da ÁQUATRO 1967	Departamento de projectos	-	Funciona como arquivo do Gabinete de projectos
	Edifício do «comboio» 1907-1917	Oficinas eléctricas, chumbeiros e armazém	Escritórios de várias empresas	Desocupado e degradado
	Escritórios	Escritórios	-	Arquivo da Quimigal. Encontra-se muito degradado

Figura 4 - Síntese das funções associadas aos equipamentos estudados no Complexo Industrial da Quimiparque no Concelho do Barreiro (continuação)



Edifício	Função Inicial	Outras Funções	Função Actual
 Escritórios 1907-1917	Escritórios	-	Atelier de artista plástico
 Central a Vapor 1948-1957	Central de produção de energia	-	Fábrica de envelopes e empresa de limpezas químicas industriais
 Central a Vapor 2 anos 60 do séc. XX	Central de produção de energia	-	Tratamento de lixo farmacêutico
 Fábricas Têxteis 1928-1937	Fábricas têxteis	-	Pavilhões rasgados por ruas e divididos em várias empresas
 Silo de Sulfato de Amónio 1948-1957	Armazém	-	Superfície comercial
 Caldeiraria 1958-1967	Caldeiraria e oficina de contentores	-	Superfície comercial
 Pavilhão de Ensaios dos Bombeiros 1907-1917	Pavilhão de ensaios	-	Desactivado
 Silo de Enxofre década de 60 do séc. XX	Armazém	-	Desactivado - foi vendido à SECIL
 Fábrica de Zinco década de 70/80 do séc. XX	Fábrica	-	Desactivada e muito degradada

Figura 5 - Síntese das funções associadas aos equipamentos estudados no Complexo Industrial da Quimiparque no Concelho do Barreiro (continuação)